SEBO BOVINO

POTENCIAL PARA PRODUÇÃO DE BIODIESEL NO BRASIL

ALECYR DOS REIS CARRARO
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal Fluminense (PPGAd/UFF), *campus* Volta Redonda – alecyrcarraro@gmail.com

ALDARA DA SILVA CÉSAR
Professora no Departamento de Engenharia de Agronegócios da UFF – aldaracesar@id.uff.br

MARCO ANTONIO CONEJERO
Professor no Departamento de Administração e Administração Pública (VAD) da UFF – marcoac@id.uff.br

NO BRASIL, o setor de biodiesel é alavancado pelo crescimento da obrigatoriedade de adição do biodiesel ao diesel. O setor iniciou com a adição de 2% (B2), em 2008, e chega, dez anos depois, ao B10, o que equivale a um consumo em torno de 5,3 bilhões de litros em 2018. Estimativas de crescimento do setor brasileiro de biodiesel projetam o B20 até 2030.

Todo o biodiesel é produzido e consumido no mercado doméstico, sendo comercializado por meio dos leilões da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). A indústria brasileira de biodiesel possui uma capacidade instalada de 7,7 bilhões de litros/ano, havendo, portanto, espaço para crescimento na sua utilização.

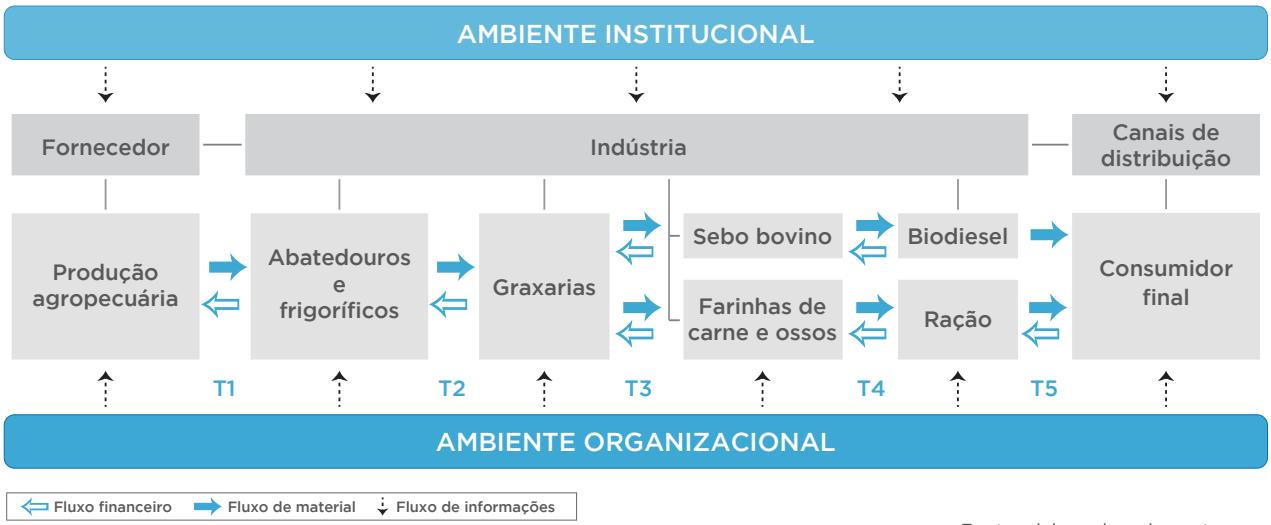
Atualmente, o biodiesel é produzido a partir de um amplo conjunto de matérias-primas: óleos vegetais, gorduras animais, óleos alimentares usados e algas. No entanto, as mais utilizadas são a soja e o sebo bovino, cujas representatividades giram em torno de 70% e 14% respectivamente.

No que tange ao uso de sebo bovino para biodiesel, cabe lembrar que o Brasil possui o segundo maior rebanho bovino do mundo, sendo o maior exportador de carne bovina desde 2008. Estima-se que

SHUTTERSTOCK



CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL DE BIODIESEL A PARTIR DO ABATE DE ANIMAIS



Fonte: elaborado pelos autores

a exportação de carne bovina brasileira crescerá 2,15% ao ano, e, até 2020, a expectativa é atender 44,5% do mercado mundial.

Diante dessa situação, visualiza-se o potencial de produção de biodiesel a partir do sebo bovino, sendo de interesse do pecuarista, do frigorífico e da indústria produtora de biodiesel, pela possibilidade de aproveitamento de um subproduto que, até pouco tempo atrás, era pouco utilizado, quando não descartado.

A matéria-prima 'boi' gera uma infinidade de produtos e subprodutos, que têm processamentos específicos. Os matadouros realizam o abate dos animais, produzindo a matéria-prima destinada às graxarias. O material não comestível (sangue, ossos, cascos, chifres, gorduras, aparas de carne, animais ou suas partes condenadas pela inspeção sanitária e vísceras não comestíveis) enviado para graxarias representa 38% do peso vivo de um bovino. Nas graxarias, são processados os subprodutos e os resíduos dos abatedouros, gerando como produtos principais o sebo e as farinhas de carne e ossos.

Em média, são gerados 34 kg de sebo por cabeça de bovino abatido. Ou seja, em 2017, das 26.627.975 cabeças abatidas, estima-se a produção de 905.351 toneladas de sebo bovino – 9,7% a mais do que no ano anterior.

Um ponto desfavorável ao uso de sebo bovino como matéria-prima para biodiesel é a ausência de um mercado estável para a comercialização do produto no País, com um sistema claro e transparente de formação de preços. Além disso, muitos produtores de biodiesel baseiam-se no mercado de óleo de soja para a tomada de suas decisões de compra de sebo bovino. Assim, recorrem ao sebo somente quando o preço do óleo de soja está alto.

De qualquer forma, o sebo bovino tem baixo custo porque é extraído como resíduo a partir de partes menos nobres do boi. Além disso, o seu direcionamento para a indústria de biocombustíveis não compete com a produção de alimentos. Ou seja, essa matéria-prima permitiria a expansão da produção de alimentos e energia e, ainda, propiciaria uma forma ambientalmente correta de descarte de resíduos.

Portanto, o sebo bovino abundante em todo o País pode destacar-se como suprimento na cadeia de biodiesel, sendo uma oportunidade de diversificação das matérias-primas utilizadas pelo setor, com vantagens econômicas e ambientais, além de apresentar propriedades técnicas favoráveis. ■

Nota: estudo desenvolvido pelo Grupo de Análise de Sistemas Agroindustriais (GASA) da UFF – http://facebook.com/gasauff/